

DIREÇÃO DE
Guilherme d'Oliveira Martins,
João Relvão Caetano e José Eduardo Franco

Os Estudos Globais, hoje em significativa expansão, estão a construir um campo epistemológico que permitirá circunscrever uma emergente área disciplinar que podemos designar como uma globalologia. A globalologia é, em definição geral, uma ciência que procura compreender o mundo em processo de globalização, na sua história e na complexidade do seu estado presente, caracterizado pelos movimentos de intercâmbio, pelas interações entre comunidades humanas espalhadas por todo o planeta Terra, que geraram, e continuam a gerar, inter-relações, interações e metamorfoses nos mais diversos planos (cultural, económico, político, religioso, social...). Este movimento globalizante, graças às mobilidades várias (físicas e virtuais), facilitadas e aceleradas ultimamente pelo desenvolvimento exponencial das tecnologias de informação e de transporte, fez despojar uma consciência cada vez mais aguda de que o ser humano está integrado num mundo que tem uma dimensão planetária e precisa (e pode) ser melhor compreendido se for olhado como estando incluído numa totalidade mais vasta e sensível às suas interações, embora a partir do seu estar-localmente-no-mundo. Quer isto dizer que a sua compreensão do mundo será sempre "glocal", ou seja, a partir da realidade em que nasceu, se formou e modelou a sua identidade. No fundo, o global é uma realidade composta, integrando os diversíssimos locais e as suas interações.

Os Estudos Globais visam o estudo multifocal e multidirecional da relação metamórfica entre o local e o global. São uma ciência na medida em que têm como escopo compreender, mas podem associar a técnica, desde que esse esforço de compreensão possa interligar-se com a necessidade de estabelecer objetivos em ordem a criar instrumentos de intervenção para aperfeiçoar aquilo que podemos chamar de o campo global, nas suas várias dimensões problemáticas e na relação entre o meio humano e o meio ambiente, seja o natural, seja o social.

No quadro destes e de outros debates, de diferentes perspetivas teóricas e de narrativas que propõem diversas aproximações hermenéuticas para a compreensão dos desafios e que orientam para a procura de soluções para os dilemas do mundo atual, os Estudos Globais apresentam-se como um campo de investigação interdisciplinar privilegiado, que tem a pretensão não só de tomar parte no debate e de encontrar ferramentas para compreender um mundo global, mas também de contribuir para a construção de um mundo desenvolvido e harmónico, através da qualificação das relações entre povos e culturas com base em valores como a justiça, a equanimidade, a fraternidade, o pluralismo, o respeito pela diferença e a promoção da relação harmónica sustentável entre os seres humanos e o meio natural.

O projeto editorial Compreender a Globalização – Coleção de Estudos Globais pretende oferecer um espaço qualificado para promover a disseminação de conhecimento crítico de temas e problemas à luz dos Estudos Globais, nomeadamente de estudos produzidos em língua portuguesa.



DOCTORAMENTO
EM ESTUDOS
GLOBAIS



Aberta
Centro de Estudos Globais



FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN



IJCC
Instituto Interponto de Ciências da Cultura e da Humanidade



CATEDRA
UNESCO DE
ESTUDOS
GLOBAIS



THEM



Unesco



Curriculo Escolar

Globalização e Perspetivas Globais

José Marcelo Freixas de Luna e Rosa Maria Sequeira
Coordenação

COLEÇÃO
DE **ESTUDOS**
GLOBAIS

Compreender a Globalização

Currículo Escolar

Globalização e Perspetivas Globais

José Marcelo Freitas de Luna e Rosa Maria Sequeira

Coordenação

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

2024

EDIÇÃO Imprensa da Universidade de Coimbra

Email: imprensa@uc.pt | URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc | Vendas online: <http://livrariadaimprensa.uc.pt>

COORDENAÇÃO José Marcelo Freitas de Luna e Rosa Maria Sequeira

COORDENAÇÃO EDITORIAL Imprensa da Universidade de Coimbra

CONCEÇÃO E EXECUÇÃO GRÁFICA Carolina Grilo

REVISÃO Marta Marecos Duarte e Milene Alves

TRADUÇÃO Marta Marecos Duarte e Pedro Ferreira

FOTOGRAFIA DA CAPA Robert Katzki, via Unsplash.com

ISBN 978-989-26-2508-9

ISBN DIGITAL 978-989-26-2509-6

DOI [HTTPS://DOI.ORG/10.14195/978-989-26-2509-6](https://doi.org/10.14195/978-989-26-2509-6)

DEPÓSITO LEGAL

APOIO EDITORIAL E DISTRIBUIÇÃO Theya Editores – CEG-UNESCO-CIPSH-UAb

Instituto Europeu de Ciências da Cultura Padre Manuel Antunes – IECCPMA
Rua Ladislau Patrício, 8, 1.º A | 1750-136 Lisboa | (00351) 969 977 702
theyaeditores@gmail.com | <http://theya-ed.org/>

Centro de Estudos Globais / Cátedra UNESCO de Estudos Globais /
Cátedra CIPSH de Estudos Globais da Universidade Aberta – CEG-UNESCO-CIPSH-UAb
Palácio Ceia, Rua da Escola Politécnica, 147 | 1269-001 Lisboa
ceg.estudosglobais@uab.pt | <https://ceg.uab.pt/>

As imagens publicadas na presente obra foram cedidas pelos autores dos textos que a compõem, que se responsabilizam exclusivamente pelas mesmas.

Coleção promovida em parceria com o DEG – Programa de Doutoramento em Estudos Globais/CEG/UAb e com a Fundação Calouste Gulbenkian, e em associação com a Theya Editores do IECCPMA.

COLEÇÃO DE ESTUDOS GLOBAIS

DIREÇÃO DE Guilherme d'Oliveira Martins, João Relvão Caetano e José Eduardo Franco

© MARÇO 2024, IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Currículo Escolar: Globalização e Perspetivas Globais / coordenação José Marcelo Freitas de Luna e Rosa Maria Sequeira

ISBN – 978-989-26-2508-9 (ed. impressa);
ISBN – 978-989-26-2509-6 (ed. eletrónica)

I – LUNA, José Marcelo Freitas de
II – SEQUEIRA, Rosa Maria

Competências empreendedoras numa e para uma Europa global

Entrepreneurial competences at and for a global Europe

Carlos Augusto Castanheira

UNIVERSIDADE ABERTA, CEG / carlos.castanheira@uab.pt / ORCID | 0000-0002-6789-8738
https://doi.org/10.14195/978-989-26-2509-6_11

Resumo: O conceito de empreendedor e empreendedorismo tem vindo a ser cada vez mais abrangente e transversal a áreas mais vastas da sociedade contemporânea. Educar para empreender tem sido o processo encontrado para dotar o cidadão de competências capazes de superar os desafios criados pelas sociedades onde se inserem. A Educação para o Empreendedorismo é um dos principais objetivos estratégicos da União Europeia de forma a dar à sua população e, em especial, aos jovens uma mentalidade empreendedora capaz de gerar valor, bem como dar-lhes competências e moldar-lhes atitudes fundamentais para um empreendedorismo de sucesso, uma cidadania ativa, inclusão social e empregabilidade. A nossa grande motivação emerge da estreita relação do empreendedorismo com a globalização. Pretendemos contribuir para uma maior compreensão da interligação e multidisciplinaridade destas duas dimensões. É a educação no ensino superior que mais evidencia e promove a globalização. Contribuí para isso a mobilidade académica, sendo o programa de mobilidade Erasmus+ o exemplo mais expressivo dos programas de mobilidade mundiais.

Palavras-chave: competências empreendedoras; educação para o empreendedorismo; mobilidade

Abstract: The concept of entrepreneur and entrepreneurship has become increasingly comprehensive and transversal to broader areas of contemporary society. Educating for entrepreneurship has been the process found to provide citizens with competences capable of overcoming the challenges created by the societies in which they are inserted. Entrepreneurship Education is one of the main strategic objectives of the European Union in order to give its population, and in particular young people, an entrepreneurial mindset capable of generating value, as well as giving them skills and shaping their attitudes fundamental for successful entrepreneurship, active citizenship, social inclusion and employability. Our great motivation emerges from the close relationship between entrepreneurship and globalisation. We intend to contribute to a better understanding of the interconnection and multidisciplinary of these two dimensions. It is education in higher education that most highlights and promotes globalisation. Academic mobility contributes to this, with the Erasmus+ mobility programme being the most expressive example of mobility programmes worldwide.

Keywords: entrepreneurial competences; education for entrepreneurship; mobility

Introdução

A globalização está presente em todos os contextos da sociedade com particular destaque na vertente educativa que se nos afigura facilitadora e visionária. A nossa grande motivação emerge da estreita relação do empreendedorismo com a globalização. Pretendemos contribuir para uma maior compreensão da interligação e multidisciplinaridade destas duas dimensões. Numa perspetiva geral, o eixo do empreendedorismo, contextualizado na globalização, encontra o seu alinhamento nas várias áreas abordadas nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) merecendo particular ênfase no ODS 4 – Garantir o acesso à educação inclusiva e equitativa, promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos (ONU, 2015).

Ao longo da história da humanidade o empreendedorismo tem presença no quotidiano quer através das trocas de bens ou de serviços. O conceito de empreendedor surge como sendo aquele que é intermediário, explicado pela origem da palavra *entrepreneur*, e que originalmente é dedicado em exclusivo a trocas comerciais. Variadíssimos autores elaboraram estudos tendo por alvo a definição e contextualização do sujeito empreendedor, procurando definir o que distingue tal comportamento. A atitude proativa face às adversidades ou necessidades é a situação transversal aos estudos sobre esta temática de onde emerge o empreendedorismo do indivíduo (Jardim & Franco, 2012). Este empreendedorismo, tal como o percebemos hoje, só foi possível com o término do sistema feudal da economia (Landström & Benner, 2010). Até então o direito à propriedade era reservado a poucos privilegiados e a circulação de bens estava sujeita a pesadas taxas limitando a criação de negócios e tolhendo qualquer iniciativa empreendedora.

O empreendedorismo foi pela primeira vez abordado cientificamente por Richard Cantillon no século XVIII na sua obra *Essai Sur la Nature du Commerce en Général*. Cantillon definia o empreendedor como um intermediário num processo de compra e venda sugerindo que a palavra tenha tido origem no francês antigo. *Entreprendre* em que *entre* – do latim *inter* que sugere reciprocidade e *prendre* – do latim *prehendere*, que significa comprador. Tal conceito poderia ser traduzido para português, de uma forma simplista, como intermediário, contudo, o seu significado atual vai muito além deste conceito. É esta a primeira abordagem científica de uma atividade empreendedora (Maca Urbano & Rentería Pérez, 2020).

O empreendedor é tido como um ator na senda das ciências sociais. Os seus princípios estão alicerçados no comportamento social, mas aspirando a ser uma ciência exata já que os seus resultados, embora desconhecidos, são orientados pelas probabilidades e estatística ao lidar com o risco e a incerteza.

Com Jean Baptist Say (1767-1832), a abordagem passará a ser mais lata. Say defendia que o empreendedor era um trabalhador superior, com capacidades aprimoradas de liderança e de administração e, com essas competências, seria capaz de pôr as suas capacidades ao serviço da coordenação, produção e distribuição de bens (Verga & Soares da Silva, 2015). Ao conceito, continuando ele a ser puramente económico e produtivo, é aperfeiçoado por Frank Knight (1885-1972) em que o autor desenvolve a diferença entre incerteza e risco. Knight, no seu livro *Incerteza do Risco e do Lucro*, discute o conceito de custo social e ainda defende que o empreendedor tem a capacidade de antever as necessidades do consumidor, peça fundamental de um sistema capitalista como defendido por Schumpeter (Paiva *et al.*, 2018). O conceito de empreendedor e empreendedorismo tem vindo a ser cada vez mais abrangente e transversal a áreas mais vastas da sociedade contemporânea e hoje encontramos abordados na literatura vários tipos de empreendedorismo. A sua diversidade está bem patente no *Dicionário de Educação para o Empreendedorismo – Empreendipédia* (Jardim & Franco, 2019), onde encontramos entradas para vários tipos de empreendedorismo, dos quais destacamos: o Empreendedorismo Intergeracional; Local; Musical; Desportivo; Feminino; Religioso; Sénior e Social. Encontramos também referências a Empreendedores da moral/moralidade (Devillard, 2020; Franco & Caetano, 2020) provando que, na atualidade, em todas as atividades, há lugar a atitudes empreendedoras e consequentemente geradoras de valor.

No primeiro Fórum da UNESCO sobre a Educação para a Cidadania Global (ECG) foram abordadas três dimensões conceptuais chave da ECG e Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS): habilidades cognitivas (*hard skills*), habilidades socio-emocionais (*soft skills*) e habilidades comportamentais (*behavioral skills*), todas elas debaixo de um amplo conceito de Paz. A esse respeito Delors (1996) defende que a Guerra se inicia na mente humana e, por isso, a ligação da Educação aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável se torna fundamental.

As competências e aptidões (*skills*) são definidas por Jardim e Pereira (2006) como sendo um conjunto de conhecimentos e atitudes que numa situação específica fazem o seu sujeito atingir um resultado específico. Estas aptidões

têm sido alvo de estudos aprofundados por parte da Comunidade Acadêmica e Científica. Damos especial destaque às *skills* que têm como objetivo a formação e empregabilidade do Jovem Cidadão Europeu, que sofre uma crise de empregabilidade, a qual é colmatada pelo desenvolvimento de competências empreendedoras, fator este, promotor de uma melhor e mais bem remunerada empregabilidade (Engel, 2010; Teichler & Janson, 2007; Mizikaci & Arslan, 2019). Outros estudos recentemente publicados, dos quais destacamos “Towards a global entrepreneurial culture: A systematic review of the effectiveness of entrepreneurship education programs” (Jardim *et al.*, 2021), debruçam-se sobre programas para a educação para o empreendedorismo global, potenciado pelo surgimento e utilização das novas tecnologias digitais geradoras de mudança de paradigma da economia e pela crescente predominância de uma economia de serviços (Bauman & Lucy, 2021).

Valorizando a mobilidade e o papel que tem para uma maior coesão e cidadania, criando uma “cultura internacional baseada na articulação de hibridismos culturais” (Schaefer & Luna, 2020: 47), a União Europeia dedica especial enfoque na formação dos jovens com o objetivo de os preparar para uma vida profissional e pessoal assaz diferente daquela que foi e é vivenciada pelas gerações antecessoras. O sucesso do programa de mobilidade Erasmus+ é o exemplo mais expressivo dos programas de mobilidade mundiais, espalhando-se por outras áreas que não só a mobilidade ou a aprendizagem ao longo da vida (*life long learning*). Programas como *Erasmus for Young Entrepreneurs* promovem a entajuda, a criação de redes de contactos e a experiência de conviver com empresas e quadros empreendedores gerando a aproximação e deteção de ideias de negócios inovadores. Mas o empreendedorismo não se foca somente no mundo económico e financeiro. Também são abordadas outras vertentes de empreendedorismo como o empreendedorismo social, o cultural e o ambiental (Delgado *et al.*, 2008).

Têm sido base de discussão académica a identificação do perfil do empreendedor, quais as suas características e que competências e em que grau as deverá possuir. Vários autores têm-se debruçado as suas investigações nesse sentido, procurando encontrar o que distingue o indivíduo empreendedor e que competências específicas possui (Tinoco & Laverde, 2010; Redford, 2013; Mítsea *et al.*, 2021; Plum, 2014; Santos & Caetano, 2010).

Cedo se concluiu que as competências, sejam elas consideradas empreendedoras ou não, são passíveis de ser ensinadas e majoradas, excluindo assim

a hipótese, pelo menos parcialmente, que o empreendedorismo seria uma característica inata de alguns cidadãos.

A Comissão Europeia tem dedicado especial atenção à educação, com um enfoque particular na educação para o empreendedorismo, a par das competências digitais, procurando assim dotar o cidadão de ferramentas capazes de superar os desafios do século XXI. A nova Agenda Estratégica para a União Europeia para os anos 2019-2024, emanada pelo Conselho Europeu, pressiona os estados-membros para um investimento na educação e no desenvolvimento das competências dos seus cidadãos (European Council, 2019). Testemunho desta sua preocupação, a Comissão Europeia cria a “European Education Area by 2025” que é composta por 6 eixos e onde o domínio de competências transversais como o pensamento crítico, o empreendedorismo e a criatividade, estão presentes e serão a chave para as próximas gerações de estudantes, investigadores e inovadores para a construção de uma sociedade mais justa e resiliente (European Commission, 2020).

É de reforçar a ideia desta perspetiva europeia que consideramos globalista em pleno alinhamento com vários objetivos já aqui referidos de Desenvolvimento Sustentável preconizado pela Organização das Nações Unidas.

Educação e empreendedorismo

Educar para empreender tem sido o processo encontrado para dotar o cidadão de competências capazes de superar os desafios criados pelas sociedades onde se inserem. É sob a sociedade onde está envolvido que o empreendedor atua. Qualquer processo com vista à educação para o empreendedorismo terá que ter em conta este fator bem como todo o modelo pedagógico a seguir. Várias são as metodologias seguidas e todas elas adaptadas à faixa etária ou nível de escolaridade a que se destina já que as competências empreendedoras confundem-se com traços de personalidade e desenvolvimento intelectual. O trabalho desenvolvido por Jacinto Jardim junto do ensino básico e secundário em escolas portuguesas é um exemplo vivo deste paradigma onde o trabalho em equipa, a proatividade e iniciativa geradoras de valor são competências a desenvolver desde o primeiro ciclo de estudos (Jardim *et al.*, 2021). Este modelo também encontra respaldo noutros países onde, por exemplo, no Brasil o papel de Dolabela merece um particular destaque.

Notamos, no entanto, que os programas de educação para o empreendedorismo estão mais presentes no Ensino Superior e Ensino Profissional e Vocacional sendo quase residuais no Básico e Secundário. Por outro lado, os facilitadores são hoje maioritariamente professores e terá forçosamente de evoluir para um processo colaborativo onde cada aluno seja incentivado a seguir um sonho, por mais utópico que possa parecer, acompanhado pela aprendizagem onde o erro não seja encarado como uma fraqueza, mas sim como o fulcro de aprendizagem e pesquisa de outras soluções (Dolabela, 2003).

É a educação no ensino superior que mais evidencia e promove a globalização. Contribui para isso a mobilidade académica onde importa realçar o papel do *Joint Study Programmes* (impulsionador do atual programa Erasmus+) que despertou para a necessidade de uma uniformização desse ensino e que foi plasmado no Tratado de Bolonha. Assim, a uniformidade dos critérios para a creditação de Unidades Curriculares, cursos, graus académicos ou profissionais podem agora ser reconhecidos através de um processo quase automático dentro da Comunidade Europeia através da aplicação de ECTS, também estes incentivadores da mobilidade estudantil. Deste modo, a mobilidade fomentou a criação e aplicação de ECTS e o uso das novas tecnologias de informação poderá ser trabalhado no sentido mais amplo na aprendizagem ao longo da vida seja ela informal ou formal. É sobretudo neste último contexto, focalizado para âmbitos curriculares e formais, que o Ensino Superior organizado e estruturado realça a relação entre educação e empreendedorismo.

O primeiro curso de empreendedorismo data de 1947 e teve lugar na Universidade de *Harvard Business School* nos Estados Unidos. Desde então o crescimento dos cursos tem subido de uma forma quase logarítmica a par de trabalhos publicados em revistas científicas (Katz, 2003). Para dar uma ordem de grandeza, à data da escrita deste nosso trabalho encontravam-se cerca de um milhão e quinhentos mil artigos indexados na base de dados EBSCO, o que revela a importância dada por académicos e investigadores a esta temática.

A importância do Educar para Empreender, e que esta educação segue a dinâmica apelidada hoje de *life long learning*, faz jus ao defendido por Harris *et al.* (2008). A título de exemplo, os dados dizem-nos que atualmente são hoje ministrados, nos Estados Unidos da América, em cerca de 2.300 estabelecimentos de ensino superior (Bauman & Lucy, 2021). No entanto a criação de um espírito empreendedor e global deverá ser estimulado desde criança (Lipper, 1987), até porque “os potenciais de uma criança são os potenciais de uma nação” (Plum, 2014: 578). Existe uma correlação entre a probabilidade

de um filho ou neto de um empreendedor também o seja. O tipo de sociedade onde estão inseridos e o tipo de convívio intergeracional influenciam também a predisposição “genética” para o empreendedorismo não podendo, no entanto, ser descurada a capacidade económica, cultural e académica dos progenitores, pois são fatores determinantes na orientação empreendedora dos seus filhos (Georgescu & Herman, 2020; Laspita *et al.*, 2012).

A Educação para o Empreendedorismo deverá estar atenta a todas as predisposições fomentadoras de criação de valor (ação base do empreendedor) de forma a incentivar uma prática letiva a todos os seus estudantes e das mais diversas faixas etárias, compreendendo desde o pré-escolar à adultez avançada, qual ensino longo da vida (Jardim *et al.*, 2021). Importa ainda alertar para a necessidade de se proceder à avaliação de modelos e práticas educativas, pois só é possível introduzir mudanças significativas e desejáveis após uma avaliação que permitirá incentivar e motivar mudanças capazes de produzirem uma cultura empreendedora baseada em currículos que integrem inovação, trabalho em equipa e criação de propostas socioprofissionais (Pereira *et al.*, 2016).

Educação para o Empreendedorismo na Europa

A Educação para o Empreendedorismo é um dos principais objetivos estratégicos da União Europeia de forma a dar à sua população e, em especial, aos jovens uma mentalidade empreendedora capaz de gerar valor, bem como dar-lhes competências e moldar-lhes atitudes fundamentais para um empreendedorismo de sucesso, uma cidadania ativa, inclusão social e empregabilidade.

A rede *Eurydice*, parceira da União Europeia, cujo objetivo primeiro é a realização do estudo comparado das várias práticas educativas dos países membros da União Europeia, cobrindo desde a educação da Infância ao Ensino Superior e onde também estão presentes as práticas formativas. É composta por 36 países todos eles aderentes ao programa de mobilidade Erasmus+. O relatório sobre a Educação para o Empreendedorismo nas Escolas da Europa (Comissão Europeia/EACEA/Eurydice, 2017) destaca que esta temática é cada vez mais reconhecida como necessária e transversal aos *currícula* do Ensino Básico dos países europeus, embora não exista nos programas de ensino, de uma forma consistente, a lecionação desta temática. Outro ponto, também abordado neste relatório, é a monitorização dos resultados da aprendizagem de empreendedorismo. Sob este assunto, o relatório *Eurydice* aponta também os

poucos países que avaliam de uma forma explícita o progresso do ensino das competências empreendedoras dos seus estudantes aos vários níveis de ensino, fator este que é considerado crucial (Europeia/EACEA/Eurydice, 2016). Neste sentido, emerge a necessidade de criar mecanismos e processos baseados em modelos robustos de forma a avaliar o seu nível e sucesso de aprendizagem. Entre eles, e com objetivos diferentes, salientamos o EntreComp e o M-tech.

M-TEC, acrónimo de *Model of Teachable Entrepreneurship Competences*, foi desenvolvido com base nas investigações de Geraldina Silveyra, Angel Herrero e Andrea Pérez (2020). Estes autores defendem um quadro de competências empreendedoras alicerçado na fusão de estudos sobre esta temática com o objetivo da criação e validação de uma escala capaz de avaliar as competências empreendedoras nas mais diversas populações. Estes académicos consideraram nove competências agrupadas em quatro grandes dimensões (competências empreendedoras, de gestão e negócios, recursos humanos e competências interpessoais) compostas por 38 itens (Silveyra *et al.*, 2020).

Entrecomp - entrepreneurship competence framework

Com o objetivo de obter um consenso que envolva todas as partes interessadas (*stakeholders*), o *EntreComp* pretende estabelecer uma ligação entre duas grandes áreas – a do trabalho e a do ensino e educação – e é o resultado do estudo e pesquisa da *Joint Research Centre* (JRC) da Comissão Europeia em nome da Direção Geral do Emprego, Assuntos Sociais e Inclusão.

Este Quadro de Referência das Competências para o Empreendedorismo é assente em três grandes áreas (ideias e oportunidades, recursos e em-ção) que espelham a definição de empreendedorismo, e cada uma delas comporta cinco competências e níveis de desenvolvimento dessas mesmas competências que permitem a sua avaliação em oito níveis de proficiência (Bacigalupo *et al.*, 2016). Foi o resultado de um estudo exaustivo apoiado em metodologias robustas que compreendeu, na sua construção, doze fases baseadas em metodologias mistas, e pretende ser uma referência para qualquer iniciativa conducente à promoção da capacidade empreendedora dos cidadãos europeus onde é definindo o empreendedorismo como uma competência que procura ser transversal a diversos espaços sejam eles social, cultural, comercial e ambiental (Dias-Trindade *et al.*, 2020).

Na figura seguinte indicamos as competências abordadas por esta rede do EntreComp bem como os respetivos descritores agrupados pelas suas três áreas basilares.

Competência	Descritores da competência
<i>Ideias e oportunidades</i>	
Identificar oportunidades	Encontrar e usar as oportunidades (sociais, culturais ou económicas) para criar valor, identificar necessidades e desafios que precisam ser atendidos, estabelecer novas redes para a reunião de elementos dispersos.
Criatividade	Desenvolver ideias e oportunidades; encontrar melhores soluções para novos ou desafios existentes; explorar abordagens inovadoras.
Visão	Saber imaginar o futuro; desenvolver uma visão para transformar ideias em ação; visualizar cenários futuros para ajudar a orientar o esforço e a ação.
Valorização das ideias	Avaliar o valor na forma social, cultural e económica; identificar o potencial do valor de uma ideia e identificar o modo de a rentabilizar.
Pensamento ético e sustentável	Avaliar as consequências e o seu impacto no público alvo, no mercado, na sociedade e no ambiente; refletir sobre os objetivos sociais, culturais e económicos e sustentáveis a longo e curto prazo; agir de forma ética e responsável.
<i>Recursos</i>	
Autoconsciência e autoeficácia	Atitude reflexiva perante as necessidades, aspirações e desejos de curto e médio prazo; avaliação das virtudes e fraquezas individuais e coletivas; acreditar na capacidade de influência do curso dos acontecimentos com as suas incertezas, recuos e falhas temporárias.
Motivação e perseverança	Manter o foco e não desistir – Determinação na transformação das ideias em ação; resiliência nas adversidades.
Mobilização de recursos	Reunir e gerir os recursos necessários - Adquirir e gerir os recursos materiais ou não materiais e digitais necessários para transformar ideias em ação; maximização dos recursos; obtenção e gestão das competências necessárias a qualquer fase (técnicas, legais, fiscais e digitais).

Literacia financeira e económica	Estimar o custo da transformação de uma ideia numa atividade; planeamento, implementação e avaliação das decisões financeiras ao longo do tempo; gestão do financiamento para garantir a atividade criadora de valor ao longo do tempo.
Mobilização dos outros	Inspirar e motivar todas as partes interessadas; obtenção do apoio necessário ao alcance de resultados; eficaz comunicação, persuasão, negociação e liderança.
<i>Em-Ação</i>	
Tomada de iniciativa	Iniciação de processos; aceitação de desafios; agir e trabalhar de uma forma independente; seguir o planeamento.
Gerir e planear	Definição de objetivos de longo, médio e curto prazo; definir planos e prioridades; adaptação a mudanças imprevistas.
Lidar com incerteza, ambiguidade e risco	Tomada de decisões lidando com a incerteza, ambiguidade e risco - Tomar decisões quando o resultado dessa decisão for incerto, quando a informação disponível é parcial ou ambígua, ou quando existe o risco de resultados não intencionais; dentro do processo de criação de valor, incluir formas estruturadas de testar ideias e protótipos desde a fase inicial, para reduzir os riscos de falhas; saber lidar com situações imprevisíveis de forma rápida e flexível.
Trabalho em equipa	Trabalhar em grupo e cooperar com os outros de forma a desenvolver ideias e transformá-las em ação; criar redes; resolver conflitos e enfrentar positivamente a concorrência.
Aprendizagem com a experiência	Usar qualquer iniciativa como oportunidade de aprendizagem para a criação de valor; aprenda com os outros, incluindo pares e mentores; refletir e aprender com o sucesso e fracasso (próprio e o de outros).

Fig. 1 – EntreComp: competências e seus descritores (adaptação de Dias-Trindade *et al.*, 2020).

As competências têm igual importância e a sua enumeração não significa uma sequência ou hierarquia. A cada competência está associada uma descrição construída numa linguagem simples e acessível.

A cada uma das competências descritas na Fig. 1 estão associadas *threads* (linhas de condução) como pode ser observado na Fig. 2 e a cada uma destas corresponde 8 níveis de progressão que culminam em 442 resultados de aprendizagem.

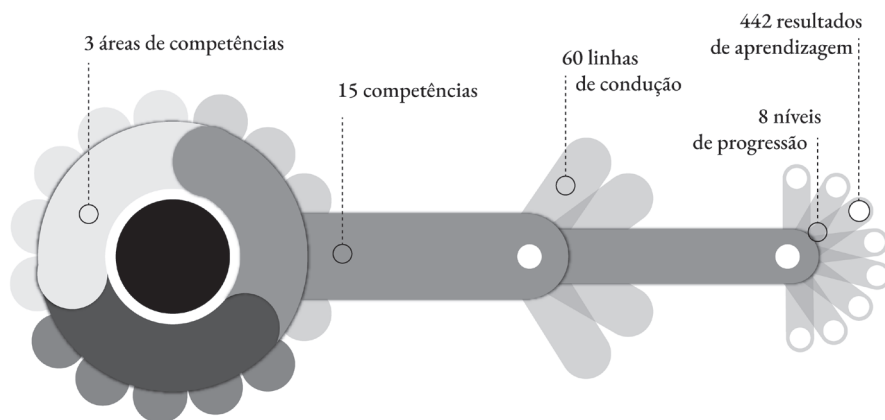


Fig. 2 – Mapeamento dos diferentes objetivos em relação aos elementos do EntreComp (adaptação de McCallum *et al.*, 2018).

É sobre os oito níveis de progressão que é feita a avaliação da progressão do ensino das competências que culminam nos 442 resultados de aprendizagem. De salientar o facto de, consoante a área onde for aplicado este quadro de competências, os resultados poderem variar, tendo em conta não só o esperado da avaliação bem como o da progressão do ensino.

Projetos baseados no EntreComp

Tendo por base este quadro de referências, e no âmbito do programa Erasmus+, surgem inúmeros projetos assentes nos conceitos e processos decorrentes da *Joint Research Centre*. De seguida enumeramos alguns projetos tais como: EntreComp360, EntreCom Europe, EntreCompEdu, EntreCom4All, EntreComp Certificate, Social Entrepreneurship in Local Communities, Parentpreneurs, Eurostart e West – Women Entrepreneurs Supporting Tribune. Todos eles são relevantes do interesse crescente da comunidade académica e científica pelo

quadro de referências empreendedoras acompanhadas por ferramentas digitais, embora tenha um impacto limitado na produção científica (Baena-Luna *et al.*, 2020). Destacamos:

EntreComp Certificate – É uma plataforma *on-line* e gratuita criada por um consórcio em que está presente a Universidade de Lancaster (UK). Este *software* é dirigido a alunos para que trabalhem autonomamente as suas competências empreendedoras de uma forma curricular tendo em vista a obtenção de um certificado denominado *EntreComp Certificate*.

EntreCompEdu – Específico para o apoio a professores e também baseado no quadro de referências Entrecomp, surge o projeto EntreCompEdu (EntreComp para educadores) com o objetivo de reduzir o desequilíbrio entre as competências do sistema educativo e a necessidade exigida pela sociedade atual, dotando os educadores de competências empreendedoras como auxílio do ensino do empreendedorismo em contexto de sala de aula. É uma ferramenta que dá exemplos práticos, criados por professores para professores, construindo uma rede conducente a um aprimoramento destas competências. Logo na fase de inscrição nesta plataforma o professor é convidado a participar num breve questionário com o intuito de ser compreendida a sua proximidade e experiência do ensino do empreendedorismo e da metodologia do *EntreComp*, iniciando-se assim o processo de incremento do seu potencial como educador de empreendedorismo.

EntreComp4All – Projeto desenhado com práticas abertas e inovadoras. Pretende disponibilizar, através da pesquisa automática nos recursos educativos abertos, materiais de formação de competências empreendedoras para os disponibilizar a jovens, empreendedores e professores. Contribui assim para uma sistematização da informação relevante e dispersa pelo mundo digital.

EntreComp360 – Também tem como objetivo final a criação de uma plataforma digital e *online* interativa. O programa EntreComp360 apoia os agentes de diversas áreas de aprendizagem ao longo da vida para melhorar o desenvolvimento, a validação e o reconhecimento das competências empreendedoras ao longo do ciclo de vida. A plataforma será o único lugar de comunicação, de formação, difusão das ferramentas e orientações com o utilizador, todas elas em acordo com a metodologia EntreComp.

Mas os projetos não são exclusivamente destinados a estudantes e professores. Por exemplo o HEInnovate pretende apoiar, com autoavaliação, as escolas empreendedoras.

HEInnovate – Este projeto, nasce de modo a classificar Universidades e Politécnicos no que concerne à sua aptidão na formação empreendedora. Criado com o apoio da OCDE e Comissão Europeia (Direção Geral da Educação e Cultura), o programa *HEInnovate* tem como finalidade a autoavaliação de Universidades, Politécnicos e Escolas de Formação Profissional da sua natureza inovadora e empreendedora, facultando-lhes material de apoio e aprendizagem, provendo assim o empreendedorismo no Ensino Superior (Parreira *et al.*, 2018). A avaliação é realizada sob 8 dimensões: (i) liderança e governação; (ii) capacidade organizacional; (iii) ensino e aprendizagem do empreendedorismo; (iv) preparação e apoio dos empreendedores; (v) transformação e capacidades digitais; (vi) colaboração e partilha de conhecimentos; (vii) internacionalização da instituição e (viii) avaliação do impacto.

Pavone (2018) alerta para o facto de os jovens valorizarem o empreendedorismo, apesar de poderem pensar que este está longe do seu alcance. Assim torna-se imperioso dotar os jovens adultos de competências para que a sua geração seja empreendedora. Para isso os estabelecimentos de ensino deverão deixar o modo de atuação tradicional e enveredarem por práticas dinâmicas conducentes ao desenvolvimento económico, à promoção da criatividade e ao apoio do empreendedorismo (Maritz & Koch, 2016; Walshok & Shapiro, 2014).

Em jeito de conclusão, poderemos afirmar que o conceito de empreendedorismo assenta em atitudes e comportamentos já há muito identificados, mas a sua perceção tem sofrido algumas alterações. A maior transformação acontece quando deixou de estar associada somente à economia e passou a ter vertentes sociais, políticas ou ambientais.

O estudo do empreendedorismo é abordado como uma competência, podendo assim ser ensinada. A Europa, consciente da necessidade de incrementar a empregabilidade, especialmente na sua população mais jovem, promove formação tendo em vista o desenvolvimento das competências empreendedoras dos mais novos a par da experiência de mobilidade estudantil, Erasmus+. O *Quadro de Referência das Competências para o Empreendedorismo* parece estar a tornar-se uma referência para uma sociedade empreendedora e está espelhado nos múltiplos programas com finalidades distintas que o têm como referencial prático e teórico.

Este quadro de competências, qual taxonomia de competências empreendedoras, é um instrumento útil aos investigadores da área, podendo assim clarificar

conceitos, familiarizar a sua compreensão e, conseqüentemente, promover o processo de ensino e aprendizagem numa e para uma era global.

O espírito empreendedor da Europa e dos seus povos materializado na atualidade pela e na União Europeia, criou um espaço geopolítico que pretende ser a charneira de um equilíbrio socioeconómico mundial onde o conceito de globalização poderá ser entendido em toda a sua dimensão. Contudo deveremos ter em conta o preconizado por Timmons (1999), que vaticina que o impacto gerado pela revolução industrial do século xx será bem menor quando comparado com a revolução silenciosa gerada pelo empreendedorismo do século XXI. Em síntese, poderemos realçar que as redes educativas globais permitirão a transferência de conhecimento, tão necessária à sustentabilidade, equidade e promoção do Cidadão Global.

Bibliografia

- Bacigalupo, M. *et al.* (2016). EntreComp: The entrepreneurship competence framework. In *Luxembourg: Publication Office of the European Union*. Publications Office of the European Union. Acedido a 12 de abril de 2022, em <https://op.europa.eu/en/publication-detail/-/publication/5e633083-27c8-11e6-914b-01aa75ed71a1/language-en>.
- Baena-Luna, P. *et al.* (2020). Entrecomp: Competent framework for entrepreneurship. A systematic review of the literature on its use and application. *Informacion Tecnologica*, 31 (2), 163-172. <https://doi.org/10.4067/S0718-07642020000200163>.
- Bauman, A. & Lucy, C. (2021). Enhancing entrepreneurial education: Developing competencies for success. *International Journal of Management Education*, 19 (1), 100293. <https://doi.org/10.1016/j.ijme.2019.03.005>.
- Comissão Europeia/EACEA/Eurydice (2016). *Educação para o Empreendedorismo nas Escolas Europeias. Relatório Eurydice*. Luxemburgo: Serviço de Publicações da União Europeia
- Comissão Europeia/EACEA/Eurydice (2017). *A Educação para a Cidadania nas Escolas da Europa 2017*. Luxemburgo: Serviço de Publicações da União Europeia.
- Delgado, N. *et al.* (2008). Empreendedorismo orientado para a sustentabilidade: As inovações no caso da Volkman. *Cadernos EBAPE.BR*, 1-21.
- Delors, J. (1996). Education: The necessary utopia. In UNESCO (Ed.). *Learning: The Treasure Within – Report to UNESCO of the International Commission on Education for the Twenty-First Century* (11-33).
- Devillard, V. (2020). The manifest city: Spokesperson for globalization?. In E. Franco & J. R. Caetano (Eds.). *Globalização como Problema: Temas de Estudos Globais*. Imprensa da Universidade de Coimbra. <https://doi.org/https://doi.org/10.14195/978-989-26-1984-2>.
- Dias-Trindade, S. *et al.* (2020). *ENTRECOMP: Quadro de Referência das Competências para o Empreendedorismo* (trad. para português). Lisboa: Theya.
- Dolabela, F. (2003). *Pedagogia Empreendedora*. São Paulo: Editora de Cultura.

- Engel, C. (2010). The impact of Erasmus mobility on the professional career: Empirical results of international studies on temporary student and teaching staff mobility. *Belgeo*, 4, 351-363. <https://doi.org/10.4000/belgeo.6399>.
- European Commission. (2020). *Communication from the Commission to the European Parliament, the Council, the European Economic and Social Committee and the Committee of the Regions – On Achieving the European Education Area by 2025*.
- European Council (2019). *A New Strategic Agenda 2019-2024* (1-8).
- Franco, J. E. & Caetano, J. R. (2020). *Globalização como Problema: Temas de Estudos Globais*. Imprensa da Universidade de Coimbra. <https://doi.org/10.14195/978-989-26-1984-2>.
- Georgescu, M. A. & Herman, E. (2020). The impact of the family background on students' entrepreneurial intentions: An empirical analysis. *Sustainability*, 12 (11).
- Harris, M. *et al.* (2008). Examining the impact of small business institute participation on entrepreneurial attitudes. *Journal of Small Business Strategy*, 18 (2), 57-76.
- Jardim, J. *et al.* (2021). Towards a global entrepreneurial culture: A systematic review of the effectiveness of entrepreneurship education programs. *Education Science*, 11, 398.
- Jardim, J. & Franco, J. E. (2012). *Portugal Empreendedor: Trinta figuras Empreendedoras da Cultura Portuguesa*. Lisboa: IN-CM.
- Jardim, J. & Franco, J. E. (Eds.) (2019). *Empreendipédia – Dicionário de Educação para o Empreendedorismo*. Lisboa: Gradiva.
- Jardim, J. & Pereira, A. (2006). *Competências Pessoais e Sociais – Guia Prático para a mudança positiva*. Porto: Edições ASA.
- Katz, J. A. (2003). The chronology and intellectual trajectory of American entrepreneurship education: 1876-1999. *Journal of Business Venturing*, 18 (2), 283-300.
- Landström, H. & Benner, M. (2010). *Historical Foundations of Entrepreneurship Research*. Cheltenham, UK/Northampton, MA: Edward Elgar Publishing.
- Laspita, S. *et al.* (2012). Intergenerational transmission of entrepreneurial intentions. *Journal of Business Venturing*, 27 (4), 414-435. <https://doi.org/10.1016/j.jbusvent.2011.11.006>.
- Lipper, A. (1987). If constructively creative divergent thinking equals entrepreneur ... How can we help create more of them? *The Journal of Creative Behavior*, 21 (3), 214-218. <https://doi.org/https://doi.org/10.1002/j.2162-6057.1987.tb00478.x>.
- Maca Urbano, D. & Rentería Pérez, E. (2020). Una mirada al emprendimiento a partir de una revisión de la literatura. *Psicología desde El Caribe*, 37 (1).
- Maritz, A. *et al.* (2016). The role of entrepreneurship education programs in national systems of entrepreneurship and entrepreneurship ecosystems. *The International Journal of Organizational Innovation*, 8 (4), 7-27.
- McCallum E. *et al.* (2018). EntreComp into Action: Get inspired, make it happen. In *Scientific and Technical Research Reports*. <https://doi.org/10.2760/574864>.
- Mitsea, E. *et al.* (2021). Soft skills & metacognition as inclusion amplifiers in the 21st Century. *International Journal of Online and Biomedical Engineering (IJOE)*, 17 (04), 121-132. <https://doi.org/10.3991/ijoe.v17i04.20567>.

- Mizikaci, F. & Arslan, Z. U. (2019). A European perspective in academic mobility: A case of Erasmus program. *Journal of International Students*, 9 (2), 705-726. <https://doi.org/10.32674/jis.v9i2.1138>.
- ONU (2015). Transformando nosso mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. *A/Res/70/1*, 1-49.
- Paiva, M. S. de *et al.* (2018). Inovação e os efeitos sobre a dinâmica de mercado: Uma síntese teórica de Smith e Schumpeter. *Interações*, 19 (1), 155-170. <https://doi.org/10.20435/inter.v19i1.1561>.
- Parreira, P. *et al.* (2018). *As Instituições de Ensino Superior Politécnico e a Educação para o Empreendedorismo*. Instituto Politécnico da Guarda (Issue August).
- Pavone, E. (2018). Millennials: The new guard. *Chemical Engineering Progress*, 114 (6), 3.
- Pereira, A. S. *et al.* (2016). Development challenges of a full integrated app in higher education. In Management Association, Information Resources (Eds.), *Gaming and Technology Addiction: Breakthroughs in Research and Practice* (vol. 1) (117-139). Hershey: IGI Global. <https://doi.org/10.4018/978-1-5225-0778-9>.
- Plum, M. (2014). A “globalised” curriculum – International comparative practices and the preschool child as a site of economic optimisation. *Discourse*, 35 (4), 570-583. <https://doi.org/10.1080/01596306.2013.871239>.
- Redford, D. (2013). *Handbook de Educação em Empreendedorismo no Contexto Português*. Lisboa: Universidade Católica Editora.
- Santos, S. & Caetano, A. (2010). Atitude dos estudantes universitários face ao empreendedorismo: Como identificar o potencial empreendedor? *Revista Portuguesa e Brasileira de Gestão*, 9(4), 2-14.
- Schaefer, R. & Luna, J. (2020). Das noções de cultura à avaliação de competência comunicativa intercultural. *Revista de Letras Norte@Mentos*, 13, 43-58.
- Silveyra, G. *et al.* (2020). Model of Teachable Entrepreneurship Competencies (M-TEC): Scale development. *International Journal of Management Education*, 19. <https://doi.org/10.1016/j.ijme.2020.100392>.
- Teichler, U. & Janson, K. (2007). The professional value of temporary study in another European country: Employment and work of former ERASMUS students. *Journal of Studies in International Education*, 11 (3-4), 486-495. <https://doi.org/10.1177/1028315307303230>.
- Timmons, J. A. (1999). *New Venture Creation: Entrepreneurship for the 21st Century* (5.ª ed.). Boston: Irwin/McGraw-Hill.
- Tinoco, F. & Laverde, F. (2010). Para el emprendimiento: Una mirada desde la teoría. *Revista de La Facultad de Ciencias Económicas de La Universidad Militar Nueva Granada*, 24 (43), 13-33.
- Verga, E. & Soares da Silva, L. F. (2015). Empreendedorismo: Evolução histórica, definições e abordagens. *REGEPE – Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 3 (3), 3-30. <https://doi.org/10.14211/regepe.v3i3.161>.
- Walshok, M. L. & Shapiro, J. D. (2014). Beyond tech transfer: A more comprehensive approach to measuring the entrepreneurial university. *Academic Entrepreneurship: Creating an Entrepreneurial Ecosystem*, 16, 1-36.